

[Notícia anterior](#)
[Próxima notícia](#)

29 mar 2017 | O Globo

# O diabo brasileiro

Reli, com meus alunos, “A igreja do diabo”, um dos contos mais brilhantes de Machado de Assis. Durante a discussão, tive plena consciência de como o diabo tem sido uma figura presente na minha vida. Nasci canhoto. Fui marcado pelo lado esquerdo. Meus irmãos chutavam bola, atiravam pedra e chupavam manga com a mão direita. Por que diabos eu não era como eles e usava com naturalidade e eficiência a sinistra, em vez da santificada direita? — Robertinho é canhoto! A frase ressoa na minha mente, e ela se liga às histórias nas quais o caminho da esquerda, repleto de ouro e pedras preciosas (hoje seria de nomeações, propinas e dólares), era o errado; ao passo que o da direita, pobre e cheio de obstáculos, era o escolhido pelo herói. Tudo culminando com satanás tirando com a mão esquerda a alma do estudante pobre que com ele fizera um pacto para enriquecer.



MARCELO

Levei um bom tempo para sair dessa “alteridade” entre os “meus”. Mais tarde, e como estudante de Antropologia, fiquei fascinado ao descobrir que um antropólogo meu xará — Robert Hertz — havia estudado o simbolismo negativo universal da mão esquerda. Até que um outro francês, Louis Dumont, reviu a polaridade esquerda/direita como um dualismo completo e hierárquico no qual a esquerda — desprezada em tudo — é, contudo, a mão (ou o lado) adequada para realizar tarefas — e isso parece até uma parábola — vedadas à direita. Abençoamos com a direita, mas a mão que segura o cálice é a esquerda. Sem ela, não há alternativa ou mudança. \_\_\_\_\_ No catecismo, minhas relações com o demo ampliaram-se. Conhecedor dos Dez Mandamentos e da graduação dos pecados, não tinha mais como esconder que Deus era um interlocutor invisível e distante (mas onipresente); ao passo que o diabo era uma presença constante (mas evitável) na minha pequena vida. Qual era a minha igreja?

Lembro que o mito machadiano termina com um diabo desiludido. Afinal, a mesma hipocrisia e ingratidão devida a Deus é igualmente replicada para com o capeta, já que ambos são obrigados a conhecer a “eterna contradição humana”. Essa contradição que faz com que o bem e o mal, o ódio e o amor sejam nossos companheiros de viagem. \_\_\_\_\_ Em meio a esses nobres pensamentos, aprendi (depois de levar várias reguadas na mão esquerda) a usar as duas mãos. Cheguei ao virtuosismo de poder escolher entre uma e outra e, quando descobri que o grande Leonardo Da Vinci era um canhoto que escrevia da esquerda para a direita num

código que só poderia ser decifrado com a ajuda de um espelho, decidi que usaria a esquerda nos meus encontros secretos com o demônio no banheiro; enquanto a direita seria empregada para escrever. \_\_\_\_\_

Como seria o diabo em outras sociedades e culturas? Em sociedades tribais, ele surge como um feiticeiro canibal que troca a noite pelo dia e pratica um egoísmo negativo que impede e destrói os elos sociais. O projeto individual sem peias canibaliza o todo. O diabo, tal como o conheço, é um símbolo das antifronteiras e das regras. Ele é um motor que enlouquece individualizando, pois entre a negativa da moralidade e o sim do interesse individual, ele dá licença para realizar todos os desejos. No caso da sociedade brasileira, o diabo é símbolo de um enriquecimento brutal, sem trabalho e por meio de propinas inacreditáveis e, por isso mesmo, diabólicas!

Basta ser eleito para enricar. O mecanismo que deveria igualar traz de volta a hierarquia. Aqui, o diabo se manifesta majoritariamente na "política", no companheirismo e na "arte" de fazer e desfazer leis pensando nos nossos interesses.

O diabo sempre foi individualista. Nasceu da competição e de uma revolta, e vive de projetos pessoais. Ele seduz pela confusão entre a parte e o todo, que é tão difícil de perceber na maioria dos contextos humanos e jamais foi plenamente discutida no Brasil.

A "eterna ingratidão humana" do diabo de Machado de Assis é uma expressão da ambiguidade brasileira. A ingratidão humana seria a desculpa para o malfeito e a má-fé. Ela transforma em ideologia uma enorme condescendência ao lado de um profundo sentimento de culpa.

Em outras terras, outros diabos procedem de modo diverso. Não haveria ambiguidade, e ele não teria a necessidade de fundar uma igreja e de legislar sobre isso ou aquilo conforme manda a nossa índole. Ademais, nelas o demônio não perdoa ou perde. Pactos com o demo não seriam, dizem, revogáveis.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)

[Próxima notícia](#)